



PROTOFEMINISMO EM *THE TENANT OF WILDFELL HALL*, DE ANNE BRONTË

Ana Paula Herculano Barbosa¹
Joyce Luna Santiago¹
Prof^a. Dr^a.Danielle Dayse Marques de Lima²

Universidade Federal de Campina Grande

O período vitoriano na Inglaterra (1830-1901) foi marcado por muitas mudanças sociais e econômicas, que em um curto espaço de tempo alteraram a vida da população britânica drasticamente (GREENBLAT, 2006, pp. 979-1001). O romance de Anne Brontë, “The Tenant of Wildfell Hall”, dotado de um realismo surpreendente para a época de sua composição, carrega em seu enredo conflitos internos da sua protagonista, que se vê obrigada a escolher entre manter a sua integridade e a de seu filho, e escapar de seu casamento, ou ser arrastada à decadência pelo seu marido alcoólatra, em nome dos valores sociais e morais da época. A partir da contextualização histórica, pretendemos abordar a questão da mulher no período vitoriano com o intuito de identificar em trechos da obra, publicada em 1848, traços ideológicos profeministas. Para isso, contaremos com os estudos de Virginia Woolf em “A Room of One’s Own” (1929), de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar em “The Madwoman in the Attic” (2000), e também de Elaine Showalter em “A Literature of Their Own” (2011). Pretendemos, assim, a partir desse aporte teórico, traçar um paralelo entre trechos da obra de Anne Brontë e a teoria feminista do século XX, procedendo à análise de atitudes e discursos da protagonista, destacando a posição que a mulher ocupava na sociedade inglesa aristocrática do século XIX. Acreditamos que podemos trabalhar com esta temática profeminista do romance de Anne Brontë em aulas de inglês no ensino médio, por meio da leitura de trechos da obra, e por meio de comparações entre as conjunturas das personagens do romance e as conjunturas atuais, onde mulheres ainda se veem atadas a relacionamentos conjugais abusivos, tanto por questões financeiras (por não conseguirem se sustentar), ou por medo de serem perseguidas pelos ex-parceiros. Pretendemos utilizar a obra a fim de apontar as implicações de gênero, discernir e ponderar sobre os efeitos de poder que estas causam e como se relacionam na nossa realidade vigente, transformando a aula de idioma num momento propício para discussões de temas sociais importantes e atuais, por intermédio da literatura. Os PCNs sugerem a necessidade de repensarmos a forma de ensinar língua estrangeira, priorizando, além da comunicação dos alunos na língua alvo, a sua formação como cidadãos, e a literatura viabiliza o desenvolvimento de preocupações morais e éticas em relação à sociedade (TIBERIO, 2014), assim como também permite ao aluno conhecer e usar a língua estrangeira como instrumento de acesso a informações de outras culturas e grupos sociais (BRASIL, 2000).

Palavras-chave: Profeminismo; Anne Brontë; Era Vitoriana.





INTRODUÇÃO

O romance *The Tenant of Wildfell Hall*, escrito por Anne Brontë e publicado em 1848, tem como ambiente a Inglaterra Vitoriana (1830-1901), e como o nome da autora e o período de publicação sugerem, Anne integrava a tríade feminina lendária conhecida na literatura universal. Ela era a caçula das irmãs Brontë, e toda a sua genialidade se viu ofuscada pela projeção ainda maior de Charlotte e Emily. A sua morte precoce permitiu que ela escrevesse apenas dois romances e alguns poemas publicados em conjunto com suas irmãs (CAMPANA,2017).

A escrita de Anne Brontë é dotada de um realismo próprio que a diferencia dos escritos das outras Brontë, e em sua obra *The Tenant of Wildfell Hall* podemos verificar traços moralistas associados a ações um tanto quanto progressistas por parte da protagonista, considerando o período em que a obra foi publicada. E são justamente essas ações e condutas da personagem principal que serão o nosso objeto de estudo neste artigo, no qual abordaremos ainda a forma como iremos fazer uso desta análise para o ensino de literatura em aulas de língua inglesa para o ensino médio.

O período no qual a Rainha Vitória esteve no trono inglês foi marcado por muitas mudanças sociais e econômicas, que em um curto espaço de tempo alteraram a vida da população britânica drasticamente (GREENBLAT, 2006, pp. 979-1001). Essas mudanças no âmbito social geraram um maior diálogo entre a aristocracia e a burguesia, e aqueles que possuíam maior capital financeiro podiam opinar sobre questões parlamentares (GREENBLAT, 2006, p. 982) .

Porém, esse poder não se estendia às mulheres pertencentes a essas classes, que assim como as demais mulheres inglesas continuavam a serem tratadas como propriedade. Como se desvencilhar desse domínio? Seria possível alcançar direitos similares aos masculinos? Em seu ensaio *A Room of One's Own*, Virginia Woolf relata a condição da mulher escritora, desde o período elizabetano até o momento no qual ela escrevia, e relata a atmosfera hipócrita do período vitoriano, tecendo comentários sobre as forças que impediam que um número maior de mulheres pudesse alcançar o brilhantismo masculino na escrita. Baseando-nos ainda em outros importantes estudos de cunho feminista, como *A Literature of Their Own* de Elaine Showalter, e *The Madwoman in the Attic* de Susan Gubar e Sandra Gilbert, iremos voltar a nossa atenção para trechos selecionados do romance de Anne Brontë, para que dessa forma possamos analisar o caráter profeminista da obra.





A partir então desta análise iremos apresentar formas de trabalharmos com a obra no ensino médio, apoiadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e pelo trabalho desenvolvido por Tibério (2014), que reflete sobre o papel fundamental da literatura na formação do ser humano e sua inserção nas aulas de língua inglesa. Pretendemos também demonstrar como a linguagem literária pode se aproximar de recursos audiovisuais e tecnológicos, por meio da utilização da série para televisão adaptada do romance de Anne Brontë produzida pela BBC em 1996.

METODOLOGIA

O termo “feminismo” adquire força política, mais expressivamente, no século XX, e a teoria literária feminista ganha grande projeção nas décadas de 1960 e 1970. Por isso, as obras anteriores ao século XX que possuem traços da ideologia feminista implicada em sua composição são chamadas de profeministas, já que referenciá-las como feministas implicaria em um grande equívoco de ordem cronológica (GOMES, 2011).

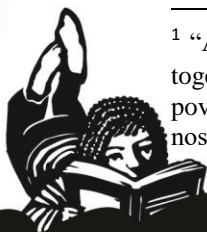
Virginia Woolf publicou em 1929 o seu ensaio *A Room of One's Own*, que surgiu a partir de uma série de palestras que foram realizadas em universidades frequentadas por mulheres, onde afirma que o que separa a desenvoltura e o sucesso masculino na escrita da raridade de mulheres nesse mesmo âmbito é a falta de independência financeira feminina. As mulheres eram confinadas a uma educação voltada apenas para a preparação para a vida conjugal, onde a educação feminina era apenas um prelúdio para a realização matrimonial.

Como Woolf afirma

Com o pensamento em todas aquelas mulheres que trabalhavam ano após ano, lutando para juntar duas mil libras, e no tanto que precisariam fazer para juntar trinta mil libras, irrompemos em escárnio ante a pobreza repreensível do nosso sexo. O que nossas mães ficaram fazendo que não tiveram riqueza nenhuma para nos deixar? Retocando a maquiagem? Olhando vitrines? Tomando sol em Monte Carlo? (WOOLF, 2014, p.21).¹

Aqui ela deixa claro seu posicionamento em relação ao comportamento feminino do passado, onde as mulheres deveriam permanecer reclusas à esfera doméstica, enquanto os homens cuidavam das questões administrativas e financeiras e, dessa forma, eram totalmente dependentes, no primeiro momento dos pais, e depois dos maridos.

¹ “At the thought of all those women working year after year and finding it hard to get two thousand pounds together, and as much as they could do to get thirty thousand pounds, we burst out in scorn at the reprehensible poverty of our sex. What had our mothers been doing then that they had no wealth to leave us? Powdering their noses? Looking in at shop windows? Flaunting in the sun at Monte Carlo?” (WOOLF, 2017, 1.273-365).





Porém, Woolf esclarece que para conquistar seu espaço no mundo as mulheres deveriam sair da esfera puramente doméstica e buscar uma educação que lhes permitisse ser independente, afirmando que “Fazer fortuna e criar treze filhos – ser humano algum seria capaz disso.”²(WOOLF, 2014, p.21). Para contextualizar, ela usa o exemplo de uma possível irmã de Shakespeare, chamada Judith, que teria o gênio igual ou superior ao dele e que poderia ter alcançado o êxito literário, se não fosse pelo período no qual nasceu, podendo até ter alcançado o *status* de cânone literário do irmão. Entretanto, tudo que a cercava lhe limitou, e se essa mulher existiu ou não nunca iremos conhecer o seu brilhantismo.

Em *A Literature of Their Own* (2011), Elaine Showalter faz referência ao título do ensaio de Woolf. Além de um teto todo seu para escreverem, as mulheres precisam de uma literatura toda sua, para que, desta forma, ganhem espaço em meio aos cânones ditados pela sociedade patriarcal. As pesquisas de Showalter sobre livros de autoria feminina surgem de uma carência que ela percebeu do reconhecimento do trabalho das escritoras, destacando a grande produção de romances de autoria feminina no período vitoriano e como eram irrisórias as pesquisas sobre essas obras (SHOWALTER, 2011).

Ao desenvolver suas pesquisas nesse âmbito, Showalter abre caminho para análises de obras de autoria feminina à luz da teoria feminista. No livro *The Madwoman in the Attic* (2000), Susan Gubar e Sandra Gilbert, assim como Showalter, perceberam o déficit na visibilidade das obras de cunho feminino e o fato de estas serem julgadas como inferiores, por terem sido escritas por mulheres. As autoras afirmam que “(...) Showalter havia traçado tão meticulosamente a história geral da “subcultura literária feminina” que nós pudemos focar em um certo número de textos do século dezenove”³ (GILBERT;GUBAR, 2000, p.xxxviii, tradução nossa).

As autoras acreditam que

Se uma breve retrospectiva dos estágios iniciais da crítica feminista estabelece suas origens vitais, elas nos levariam até o período vitoriano, assim como um olhar prospectivo para a data de publicação do livro em 1979 prova que o século XIX continua a fornecer um campo movimentado de atividade para o pensamento feminista que sofreu uma série de transformações metodológicas dramáticas.⁴(GILBERT;GUBAR, 2000, p.xxxii, tradução nossa).

² “Making a fortune and bearing thirteen children - no human being could stand it.” (WOOLF, 2017, 1.27384).

³ “(...) Showalter [had] so skillfully traced the overall history of a “female literary subculture” we could “focus closely on a number of nineteenth-century texts.” (GILBERT;GUBAR, 2000, p.xxxviii).

⁴ “If a brief backward glance at the early stages of feminist criticism establishes its vital origins in the Victorian period, an equally abbreviated look forward from the book’s publication in 1979 proves that the nineteenth





VII ENLIJE

As obras acima referidas são o nosso suporte teórico no que diz respeito à situação da literatura feminina no período vitoriano, sendo assim utilizadas para a análise. Sendo a literatura uma das formas artísticas que permite ao leitor estabelecer contato com terras distantes e tempos diversos, e também, como afirma Antonio Candido, “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”(CANDIDO, 1995), consideramos assim que a sua utilização em sala de aula se faz imprescindível.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que os alunos devem “Conhecer e usar línguas estrangeiras modernas como instrumento de acesso a informações, a outras culturas e grupos sociais.”(BRASIL,2000, p.14). Sendo assim:

Conceber-se a aprendizagem de Línguas Estrangeiras de uma forma articulada, em termos dos diferentes componentes da competência lingüística, implica, necessariamente, outorgar importância às questões culturais. A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais. Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. (BRASIL,2000, p.30)

_____Ao utilizar textos literários nas aulas de língua de inglesa, estamos indo além da utilização do código linguístico. Em seu trabalho, Tibério (2014) aponta que “Os textos literários ajudam os alunos a desenvolver preocupações morais e éticas em relação à sociedade” (TIBÉRIO,2014, p.22), e dessa forma, a leitura permite que o aluno assuma uma postura reflexiva quanto a sua realidade. A autora, ao propor discorrer sobre a literatura no ensino de língua inglesa, argumenta que:

A literatura é um excelente material que produz emoções nos alunos/leitores. É a grande oportunidade de os alunos expressarem seus sentimentos, reações e opiniões pessoais e além disso, a literatura trará ao aluno bagagem cultural, diferentemente dos outros tipos de textos utilizados em sala de aula com objetivos apenas informativos.(TIBÉRIO, 2014, p.24).

Aliada à utilização de textos literários em aulas de língua inglesa temos a utilização de recursos multimídia. Em seu artigo, Gumesson (2010) discorre sobre a utilização de vídeos

century continues to provide a lively field of activity for feminist thinking that has undergone a series of dramatic methodological transformations.”(GILBERT;GUBAR, 2000, pp. xxxii).

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





em aulas de língua inglesa, argumentando que ao utilizar esse recurso podemos observar “o desenvolvimento de habilidades da língua inglesa, a promoção da interação social e o senso crítico em relação aos temas transversais na interdisciplinaridade no ensino de idiomas.”(GUMESSON, 2010).

RESULTADOS

O romance *The Tenant of Wildfell Hall* (BRONTË, 1848) nos apresenta uma protagonista peculiar, Helen Graham, que mesmo sendo fiel a suas crenças religiosas cristãs, tomou medidas consideradas escandalosas para o contexto inglês vitoriano, a fim de salvar seu filho dos abusos e corrupções do pai egocêntrico, cruel e alcoólatra, decidindo que seria melhor fugir e abandonar a segurança e mordomias da vida aristocrática do que continuar naquelas condições degradantes. Na protagonista, podemos observar três pontos cruciais na sua construção como personagem: Helen como esposa, como mãe e como mulher independente. Iremos então exemplificar e analisar como encontramos tais características, e quais os seus efeitos e motivações.

A contragosto da tia, Helen se casou com Arthur Huntingdon, que após alguns meses de matrimônio já começou a mostrar sua verdadeira personalidade:

(...)Arthur não é o que eu primeiro pensava dele e, se o conhecesse, no princípio, tão completamente quanto o conheço agora, provavelmente nunca o amaria, e se o amava antes, e então fizesse a descoberta, temo que fosse meu dever não me casar com ele. (BRONTË, 2012, p.149).⁵

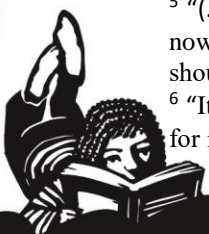
Mesmo estando infeliz, Helen continua se esforçando para ser uma ótima esposa, sendo devota ao marido, e satisfazendo suas vontades, indo até contra seus valores cristãos, o que mostra a grande vontade que ela tem de ser o que a sociedade e os outros esperam dela, como podemos ver em:

Era algo especial sentir que ele me considerava um valioso objeto de orgulho; mas paguei caro pela satisfação: pois, em primeiro lugar, para agradá-lo eu tive de violar minhas acalentadas predileções (BRONTË, 2012, Pág. 160).⁶

Ou ainda:

⁵ “(...)Arthur is not what I thought him at first, and if I had known him in the beginning as thoroughly as I do now, I probably never should have loved him, and if I had loved him first, and then made the discovery, I fear I should have thought it my duty not to have married him.” (BRONTË, 2012, Pág.188)

⁶ “It was something to feel that he considered me a worthy object of pride; but I paid dear for the gratification, for in the first place, to please him, I had to violate my cherished predilections (...)” (BRONTË, 2012, Pág.205)





VII ENLIJE

Ele permanece deitado no sofá praticamente o dia inteiro; e eu toco e canto para ele por muitas horas. Escrevo suas cartas por ele e lhe trago tudo o que quer; e, às vezes, leio para ele, e às vezes converso, e às vezes apenas me sento ao seu lado e o alívio com silenciosas carícias. (BRONTË, 2012, Pág. 165).⁷

Após alguns anos de casamento, Helen tem seu filho Arthur (que é referido como *Master Arthur* para evitar ambiguidade), que passa a ser seu foco absoluto de devoção, o que começa a gerar atrito entre ela e o marido, pois este induz o filho aos seus vícios, enquanto Helen se recusa a deixá-lo ficar igual ao pai.

Helen é criticada acerca da criação que escolhe dar ao filho, por não permitir que ele entre em contato com comportamentos e hábitos viciosos, indo na contramão do senso comum, que aposta que isto o deixaria mais forte, e assim ele não correria o risco de se tornar afeminado e fraco. “Certo, mas você o trata como uma garota – vai estragar seu espírito e fazer dele uma mera Srta. Nancy⁸ - você o fará, sem dúvida, Sra. Graham, independentemente do que pensar.”⁹. Contudo, Helen questiona se o mesmo tratamento seria dado para uma mulher, até que o pároco que iniciou a discussão diz que não. Helen então afirma que não há sentido em esconder a mulher do mundo para não ser tentada pelos vícios, se para o sexo o oposto isto é considerado incorreto:

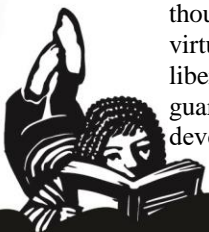
Bem, mas você afirma que a virtude é apenas extraída da tentação; - e acha que uma mulher não pode ser minimamente exposta à tentação ou ter pouco conhecimento do vício, ou de qualquer coisa ligada a ambos. Deve ser tanto que você pense que ela é, essencialmente, tão viciada ou tão frágil mentalmente, que ela não possa se deparar com a tentação – e, embora ela seja pura e inocente, conquanto seja mantida em ignorância e isolamento, ainda, sendo destituída de real virtude, ensiná-la como pecar é fazê-la de vez pecadora e, quanto maior for seu conhecimento, mais ampla será sua liberdade e mais profunda a libertinagem – enquanto que, no sexo mais nobre, há uma tendência natural para a bondade, resguardada por uma fortaleza superior que, quanto mais for exercitada por julgamentos e perigos, será apenas mais desenvolvida(...)(BRONTË, 2012,Pág. 17).¹⁰

⁷ “He lies on the sofa nearly all day long; and I play and sing to him for hours together. I write his letters for him, and get him everything he wants; and sometimes I read to him, and sometimes I talk, and sometimes only sit by him and soothe him with silent caresses.” (BRONTË, 2012, Pág.210)

⁸ Eufemismo para designar um homossexual.

⁹ “Well, but you will treat him like a girl—you’ll spoil his spirit, and make a mere Miss Nancy of him—you will indeed, Mrs Graham, whatever you may think” - (BRONTË,2012, Pág.29)

¹⁰ “Well, but you affirm that virtue is only elicited by temptation; - and you think that a woman cannot be too little exposed to temptation, or too little acquainted with vice, or anything connected therewith. It must be either that you think she is essentially so vicious, or so feeble-minded, that she cannot withstand temptation, -and though she may be pure and innocent as long as she is kept in ignorance and restraint, yet, being destitute of real virtue, to teach her how to sin is at once to make her a sinner, and the greater her knowledge, the wider her liberty, the deeper will be her depravity, - whereas, in the nobler sex, there is a natural tendency to goodness, guarded by a superior fortitude, which, the more it is exercised by trials and dangers, is only the further developed”. (BRONTË, 2012, Pág.30)





Helen havia sugerido a Arthur uma vida separada (sem divórcio) na qual ela apenas ficaria com o filho, mas ele não permitiu. Foi exatamente o amor pelo filho e a ânsia de poder ensiná-lo a ser uma boa pessoa que a fizeram deixar a aristocracia para trás e tentar viver em outra cidade, trabalhando como pintora e livre das injúrias do marido. Podemos traçar um paralelo aqui com *A Room of One's Own*, pois Helen precisou de um teto e de uma renda independente que fossem dela, apenas dela, onde a malignidade do marido não a alcançasse, para ela ser a mãe e mulher cristã que ela queria ser. Porém, mesmo com ações revolucionárias para o contexto inglês vitoriano, a personagem consegue fazê-las sem cair na indecência, pois percebe-se que em momento algum Helen é imoral ou vai contra seus ideais cristãos: ela não se permite estar com outros pretendentes, ela não se divorcia (se separando de Arthur apenas na morte deste), ela pede clemência a Deus pela alma dele mesmo depois de tudo, mostrando ao leitor a sua força de fazer o que é correto e moral a todo custo.

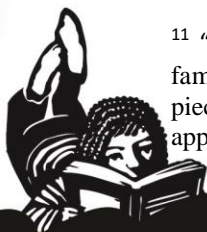
Além destes três aspectos constituintes do caráter de Helen, podemos observar, ao longo de toda a narrativa, comportamentos e discursos voltados para as expectativas que a sociedade tinham para com o que a mulher da época deveria ou não deveria ser. Como podemos observar em:

Questões domésticas e todas as pequenas sutilezas da culinária, e coisas do gênero, que toda dama deveria saber de cor, independentemente de ela ser requisitada a fazer uso prático de seus conhecimentos ou não. Dei-lhe informações profícuas, porém, e muitas receitas excelentes, o valor das quais ela evidentemente não poderia apreciar. (BRONTË, 2012, Pág. 14).¹¹

Este foi apenas um dos momentos, pois ao longo de toda obra Helen é julgada por todos por não seguir exatamente o ideal de como uma mulher deve ser e o que ela deve saber, tendo sempre seu juízo destituído pelo simples fato de ser uma mulher que não tem um homem para dizê-la o que pensar e fazer.

DISCUSSÃO

¹¹ "On household matters, and all the little niceties of cookery, and such things, that every lady ought to be familiar with, whether she be required to make a practical use of her knowledge or not. I gave her some useful pieces of information, however, and several excellent receipts, the value of which she evidently could not appreciate. (BRONTË, 2012, Pág.13)





VII ENLIJE

As aulas de língua inglesa em escolas regulares são limitadas por diversas razões: apenas uma ou duas aulas por semana, grande quantidade de alunos por sala, indisponibilidade de materiais, falta de interesse e de conhecimento acerca da língua estrangeira. Porém, com certos meios de multimídia, que estão cada vez mais presentes em sala de aula, poderíamos remediar as dificuldades previamente mencionadas e realizar aulas bem sucedidas voltadas para a obra *The Tenant of Wildfell Hall*.

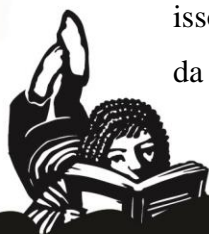
O livro em si é um tanto quanto extenso e com uma linguagem que apresenta um moderado nível de dificuldade, quando se compara com o que se espera de um aluno de escola regular. Diante disso, sugerimos uma proposta pedagógica com a utilização da adaptação da obra (BBC 1996), que consiste de uma mini série que inclui apenas três episódios, que seria por onde a narrativa seria veiculada para os alunos.

Entendemos que surgirão dúvidas e dificuldades, como por exemplo, vocabulário, situação histórica, narrativa e significados imbricados. No primeiro momento, antes de se começar a visualização da série, consideramos importante o estudo de estruturas gramaticais e palavras que não são comumente utilizadas atualmente na língua inglesa, mas que aparecem na obra (como “milksoop”, “besieged” ou “pauper”), e logo após, um apanhado histórico da Inglaterra na primeira metade do século XIX, e de como as distintas classes sociais (que são aparentes na obra) estão presentes na narrativa.

A seguir, partiremos para a abordagem direta dos temas relacionados à obra (questões de liberdade feminina e questões pré definidas de gênero), perguntaremos o que os alunos sabem a respeito destes temas, para depois fazermos uma comparação do conhecimento deles, antes e após assistirem a série e terem sido expostos à obra.

A cada episódio, haverá um momento de discussão a respeito das impressões dos alunos sobre a narrativa, os personagens e os ocorridos. Consideramos estes momentos reflexivos importantes para termos mais tempo para construir e desconstruir conceitos e opiniões, e também para levantar suposições sobre o que está por vir na obra (o que os alunos acham que Helen fará ou o que irá acontecer).

Após a apresentação da mini série, levaremos os trechos supracitados na análise para as discussões, e acreditamos que questões gramaticais e lexicais podem ser aprofundadas neste momento. Promoveremos, a partir de então, uma discussão acerca das questões sociais da obra, que mesmo sendo de outra época e de outro país, ainda estão presentes entre nós, e por isso a importância de observar se os alunos conseguem constatar tais características no enredo da narrativa (relacionamento abusivo do qual a mulher não consegue escapar por motivos





VII ENLIJE

financeiros, ou por causa de um filho, observar como as classes sociais influenciam as personagens, etc).

Ao ver acontecimentos similares em realidades muito diferentes da brasileira, os alunos poderão relacionar experiências e problemas sociais que se repetem muito na nossa sociedade ocidental, mas muitas vezes são ignoradas. Os alunos também saberão reconhecer sinais abusivos e como o feminismo ainda não terminou de cumprir o seu papel na vida das mulheres.

CONCLUSÃO

A teoria literária feminista do século XX pode parecer distante, ou até ser tratada como óbvia atualmente, porém, as autoras citadas neste trabalho estavam lidando com um movimento literário que havia ocorrido apenas 100 - 150 anos antes, no século XIX, quando mulheres escritoras finalmente conseguiram ter uma voz, e atingir um grau de sucesso nunca visto para elas neste meio (WOOLF, 2014). O espaço foi conquistado, mas ainda existem diversas limitações para as mulheres nos âmbitos sociais, privados e profissionais, limitações estas que desapontariam Virginia Woolf, pois ela profetizava que talvez em cem anos (em 2029):

(...) esses valores mudariam; daqui a um século muito possivelmente eles terão mudado por completo. Mais ainda, daqui a cem anos, pensei ao chegar à soleira da minha porta, as mulheres não mais serão o sexo protegido. É lógico que elas farão parte de todas as atividades e dos esforços que um dia lhes foram negados. (WOOLF, 2014, Pág. 14)

Com isto, podemos ver que o desejo de igualdade das mulheres vem antes do que se pensa, mas mesmo assim ainda não chegamos no lugar onde devemos estar, por isso a importância de compararmos as situações socioeconômicas de outrora e de atualmente.

A escolha da obra deu-se pois vimos nesta - apesar de à primeira vista parecer ser tão distante da nossa realidade - que as situações e os personagens nos permitiriam a chance de um desempenho profícuo em sala de aula. Escolhemos *The Tenant of Wildfell Hall* em virtude das situações e problemáticas, que são extremamente atuais, como podemos observar neste trecho onde Helen deixa de vestir o que gosta para agradar o marido:

Era algo especial sentir que ele me considerava um valioso objeto de orgulho; mas paguei caro pela satisfação: pois, em primeiro lugar, para agradá-lo eu tive de violar minhas acalentadas predileções, meus quase enraizados princípios em favor de um estilo de vestimenta raso, escuro e sóbrio – eu tinha de cintilar em caras jóias e me enfeitar como uma colorida borboleta, tal como tinha, há muito, determinado





que nunca faria – e isso não era pouco sacrifício¹². (BRONTË, 2012, Pág. 160)

Adotamos um aparato tecnológico, associado a trechos da obra fonte, pois devemos ser realistas em relação à situação da sala de aula, onde seria inviável que cada aluno tivesse um exemplar do livro. Por fim, achamos relevante o ensino de língua inglesa de maneira contextualizada, onde possamos abordar temas relevantes para a vida dos alunos e para as suas convivências sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONTË, Anne. **A Moradora de Wildfell Hall**. Traduzido por Marcella Furtado. Edição: edição bilíngue. São Paulo: Landmark, 2012.

CAMPANA, Crislaine Aline. A irmã silenciosa: Anne Brontë e a escrita de autoria feminina na Inglaterra no início do século XIX. 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3º edição. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1995.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. Yale University Press, 2000.

GOMES, Anderson Soares. Mulheres, Sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 18, n. 29, 2011.

GREENBLATT, Stephen (ed.). **The Norton Anthology of English Literature**. Vol. 2. 8th ed. New York and London: W. W. Norton & Company, 2006.

GUMESSON, Duanny Woiciechowski Batista. **A utilização de vídeos em aulas de Inglês para o Ensino Médio**. Polyphonia, v. 21, n. 2, 2010.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Ensino Médio. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC, 2000.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Bronte to Lessing**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

TIBERIO, Daniela. **A leitura no ensino de língua inglesa**. 2014.

¹² “It was something to feel that he considered me a worthy object of pride; but I paid dear for the gratification: for, in the first place, to please him I had to violate my cherished predilections, my almost rooted principles in favour of a plain, dark, sober style of dress - I must sparkle in costly jewels and deck myself out like a painted butterfly, just as I had, long since, determined I would never do - and this was no trifling sacrifice.” (BRONTË, 2012, Pág.203)





VII ENLIJE

The Tenant of Wildfell Hall. Direção: Mark Baker. Produção: BBC. 1996 Disponível em: <<https://samantaf2010.wordpress.com/2011/10/22/the-tenant-of-wildfell-hall-bbc-1996/1996>> Acesso em: 27 de agosto de 2018.

WOOLF, Virginia. Complete Works (OBG Classics): Inspired 'A Ghost Story' directed by David Lowery (English Edition). 1. 27123 - 28568. Kindle Edition, 2017.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu.** 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br